

DROGAS E CONTEXTO SOCIAMBIENTAL: PRIMEIROS ENSAIOS REFLEXIVOS¹

ASSIS, Elisabete Xavier de ²

PEREIRA, Yára Christina Cesário ³

RESUMO: O artigo vem refletir sobre a relação do consumo de drogas e o contexto socioambiental e escolar, abordando aspectos ambientais, sociais e culturais. Como fonte, para construção do artigo, foram utilizadas pesquisas bibliográficas, observações e conversas informais com usuários e seus familiares, num bairro, localizado na cidade de Itajaí- SC. Sendo esta uma problemática que atinge todas as esferas sociais, a mesma exige conhecimento e ações preventivas contra o uso indiscriminado. Nesse sentido afirmamos a importância da participação efetiva de políticas públicas, da escola, dos pais e professores, no diálogo constante com os jovens, fortalecendo o seu pensamento crítico, oportunizando, de maneira autônoma, escolhas conscientes.

PALAVRAS - CHAVE: Socioambiental. Drogas. Educação.

ABSTRACT: The article comes to reflect on the relationship between drug use and the environmental and school context, addressing environmental, social and cultural. As a source for the article construction were used bibliographical research, observations and informal conversations with users and their families, in a neighborhood located in the city of Itajaí SC. Since this is a problem that affects all walks of life, it requires knowledge and preventive actions against the indiscriminate use. In this sense we affirm the importance of effective participation in public policy, the school, parents and teachers, in constant dialogue with young people, strengthening their critical thinking, providing opportunities in an autonomous way, conscious choices.

KEY - WORDS: Environmental. Drugs. Education.

1 INTRODUÇÃO

Quando pensamos em meio ambiente, consideramos as ações humanas que causam efeitos negativos nos diversos ecossistemas e os possíveis impactos para a manutenção da vida do planeta. Neste contexto insere-se o tráfico de drogas.

Para além das formas e razões conhecidas na atualidade, o consumo de drogas faz parte da história humana, dentro de contextos específicos de

¹Trabalho apresentado como requisito parcial para conclusão da disciplina de Sociedade e Meio Ambiente e Educação, do Curso de História - Núcleo das Licenciaturas UNIVALI. Professor (a): Yára Christina Cesário Pereira, Dra.

²Licencianda do curso de História- Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI.

³Bióloga e Pedagoga, mestre e doutora em Educação pela UFSC e Pós-doutora em Educação Ambiental - FURG. Professora da Univali, Itajaí e Balneário Camboriú (SC). Coordenadora de Área PIBID UNIVALI. yara@univali.br.

temporalidade e de sociedade, estando presente em rituais mágicos, religiosos e comemorações. Ao longo do tempo muito se debateu a cerca desta problemática, discutindo estratégias para controle e prevenção.

Em uma sociedade fragilizada, onde as oportunidades são desiguais afetando financeiramente muitas famílias, o tráfico se torna muito atrativo, pois movimenta milhões com produção, distribuição e comercialização, criando a perspectiva de enriquecimento fácil, englobando também as classes mais abastadas.

Pretende-se neste trabalho refletir os efeitos nocivos das drogas ao meio socioambiental e ao espaço escolar, assim como o papel da educação por meio de ações pedagógicas que podem auxiliar na prevenção e conscientização do uso indiscriminado.

2 AS DROGAS NO CONTEXTO SOCIOAMBIENTAL

Como a comercialização de drogas em diversos países é ilegal, a plantação e o cultivo são realizados de maneira predatória em locais de difícil acesso e de modo a dificultar o reconhecimento dessas plantações. Assim, as florestas são escolhidas para este fim, como exemplo o que acontece no México onde pequenos agricultores arrendam suas terras para o narcotráfico obtendo maiores lucros, deste modo, as plantações de milho são substituídas pelo cultivo de coca, papoula ou maconha. Segundo o UNODC – United Nations Office on Drug and Crime,

Nas áreas produtoras de coca, selva, floresta e parques nacionais revelaram-se atraentes para o crime organizado. Com a exploração da flora, da fauna e dos recursos hídricos e com o contrabando de substâncias perigosas, organizações criminosas colocam em perigo a estabilidade dos ecossistemas e, conseqüentemente, o fornecimento de ar limpo, água e alimentos para as futuras gerações. (UNODC, 2009, p. 1).

Além da derrubada de florestas, para a manutenção e proteção do cultivo, são utilizados herbicidas sem controle e sem avaliar as conseqüências destes ao meio ambiente, causando a destruição da biodiversidade. Outra problemática são os produtos químicos usados no processamento das plantas para obter a droga, ao final do processo os resíduos tóxicos são descartados indiscriminadamente causando a contaminação de lençóis freáticos, rios e a poluição do solo. Ainda conforme a UNODC, “um grama de cocaína pode destruir quatro metros quadrados de floresta. Cem gramas de cocaína contaminam 20 litros de água e geram 60

quilogramas de resíduos.” (UNODC, 2009, p. 1).

O Brasil é a maior rota de distribuição do tráfico devido a extensão de suas fronteiras que dificultam o trabalho de fiscalização dos agentes da Polícia Federal, como anuncia Beatriz Borges em reportagem ao El País Brasil:

A principal rota da droga que sai da Bolívia, Colômbia e do Peru com destino à Europa, passando pelo oeste da África, é o Brasil. Outro ponto débil são os rios de fronteira, por onde a droga entra livremente, cruza o oceano em barcos e contêineres, e chega até os consumidores europeus. (Borges, 2014).

Refletindo no aumento da criminalidade, violência, aliciamento de menores para o trabalho ilegal, o contado mais fácil dos jovens com drogas de base natural e sintética, reforçando e expandindo as atividades do crime organizado.

A sociedade, por sua vez, não protegida integralmente pelo Estado, assiste inconformada, a propagação da desordem. Há a noção de uma letargia que faz dissipar os limites civilizatórios e crescer a figura da vulgarização do ilícito, que passa a ser enxergado pela sociedade como um costume. O tratamento para essa mácula social deve ser levado diretamente ao nascedouro da questão, ou seja, na formação dos cidadãos, e esta se faz com educação, escolas e sadio convívio social. (PIMENTA, 2012, p. 235)

Vivemos em uma sociedade pautada pelo consumismo, onde ter significa mais do que o respeito pela vida e ao próximo, onde a desigualdade social se acentua a cada dia, o desejo de fazer-se reconhecido por aquilo que possui dita as atitudes de muitos, principalmente os jovens, que se deixam levar. Alguns, por falta de oportunidades e outras causas variáveis, veem no tráfico a maneira mais fácil e atraente para satisfazer as necessidades de consumo ou simplesmente o gosto pelo poder. Dias (1994) afirma que “a maior parte dos problemas ambientais tem suas raízes na miséria, que, por sua vez, é gerada por políticas e modelos econômicos concentradores de riqueza e geradores de desemprego e degradação ambiental”. (1994, p.IX).

Já os usuários procuram nas drogas um meio de suprir problemas emocionais, psíquicos ou a busca incessante pelo prazer imediato, ficando suscetível a dependência química. De acordo com Colett:

Muitas pessoas não conseguem administrar os tóxicos e tornam-se dependentes física e psicologicamente, mas, é importante destacar, o dependente é um sujeito que reflete as relações sociais e familiares. É uma expressão da questão social que envolve inúmeras variáveis. É um reflexo histórico-social das condições pessoais (singulares) e sociais do sujeito [...] (COLETT, 2010, p.13).

Presenciamos debates preconceituosos em relação aos usuários de drogas, mesmo tendo conhecimento de que a condição de dependência se trata de uma disfunção psíquica ou física, independente do motivo. O tratamento dado aos usuários pela sociedade é de desprezo, marginalização, violência entre outros. Ao passo que pessoas viciadas em bebidas alcoólicas, cigarro ou medicamentos são reconhecidas como doentes, a diferença é que essas drogas foram assimiladas de outra forma pela sociedade. Segundo Silveira (2001, p.7 e 11).

As drogas atuam no cérebro afetando a atividade mental, sendo por essa razão denominadas psicoativas. Basicamente, elas são de três tipos: • drogas que diminuem a atividade mental – também chamadas de depressoras. [...] Afetam o cérebro, fazendo com que funcione de forma mais lenta. Essas drogas diminuem a atenção, a concentração, a tensão emocional e a capacidade intelectual. Exemplos: ansiolíticos (tranquilizantes), álcool, inalantes (cola), narcóticos (morfina, heroína); • drogas que aumentam a atividade mental – são chamadas de estimulantes. Afetam o cérebro, fazendo com que funcione de forma mais acelerada. Exemplos: cafeína, tabaco, anfetamina, cocaína, crack; e • drogas que alteram a percepção – são chamadas de substâncias alucinógenas e provocam distúrbios no funcionamento do cérebro, fazendo com que ele passe a trabalhar de forma desordenada, numa espécie de delírio. Exemplos: LSD, ecstasy, maconha e outras substâncias derivadas de plantas.

Cada substância afeta física e psicologicamente de modo diferente o usuário, considerando fatores como: o estado emocional, o tipo de substância, o meio onde se está utilizando a droga, com quem está sendo utilizada, bem como todo o contexto social no qual está inserido.

As drogas causam danos aos usuários seja em um período curto ou a longo prazo. O álcool, por exemplo, pode causar a destruição das células cerebrais e cirrose hepática, o tabaco pode gerar câncer, a cocaína em utilização frequente pode levar à síndrome paranóica, sentindo-se perseguido por toda a parte. O ecstasy pode provocar paralisia cerebral, o LSD provoca, entre outros efeitos, a fotofobia (medo da luz). Sem contar o excesso de drogas no organismo que pode levar o usuário à overdose e as misturas que cada traficante dispõe em suas composições que prejudicam ainda mais o organismo de quem a utiliza, deixando menos “pura” a substância.

Os danos provenientes da dependência química são apenas um dos problemas socioambientais causados, junto com estes danos estão o aumento da

violência, a desestruturação de famílias, o crescimento do crime organizado, o aumento de jovens que entram para a criminalidade, e a difusão de novos valores que são disseminados por meio da cultura dos narcotraficantes, que pode ser percebida nas letras de músicas como os narcocorridos⁴, no México, e algumas letras de funk que fazem apologia ao crime e propagam o ódio contra a polícia no Brasil.

Se fizermos uma busca simples na internet, ou acessarmos canais de vídeos e digitarmos a expressão narcocorridos, encontraremos, sem grandes dificuldades, uma série de informações que apresentam a cultura do tráfico, onde artistas são contratados por traficantes para compor músicas explorando a ostentação gerada pelo tráfico. Como figurino aparecem colares de ouro, armas das mais variadas e modernas, e muito dinheiro. Cantam-se também os conflitos com gangues rivais, os problemas com a polícia, exaltando a violência, em um ritmo próximo ao sertanejo que temos aqui. Já no Brasil, uma linha do funk também faz apologia ao crime organizado, aos traficantes, às armas, e ao ódio contra a polícia. Facina (2009) alerta que:

[...] condenado à ilegalidade, no final da década de 1990 e no início dos anos 2000, o funk se dedicou a cantar o cotidiano neurótico de seus moradores, seja fazendo das facções criminosas sua inspiração, seja cantando o sexo num estilo papo reto, sem romantismo nem meias palavras. [...] Cunhado de proibidão, rótulo que mistura desde a apologia ao crime até músicas que simplesmente relatam uma realidade indigesta de forma nua e crua, esse tipo de funk rendeu inquéritos policiais, reportagens e muitas acusações. (FACINA, 2009, p. 7).

No entanto, há que se considerar que o Funk também representa e retrata um estilo de vida. Suas letras descrevem desde o cotidiano de uma favela e a luta da comunidade pobre, até as conquistas realizadas por criminosos e o comportamento das mulheres que os cercam. Fala explicitamente das relações sociais estabelecidas nessas comunidades, onde a propagação e aceitação da música é maior, pois muitos se identificam com as letras, principalmente os jovens.

Em observações e conversas informais com usuários e seus familiares, num determinado bairro de Itajaí-SC, constatou-se que o consumo de drogas surgiu, entre outras razões, por: curiosidade; necessidade de alívio emocional; carência de estrutura familiar; abandono; criação por outros membros familiares que

⁴ Narcocorridos, são composições musicais que cantam as histórias do mundo do tráfico e dos traficantes, em algumas regiões mexicanas.

consideravam este como um peso (havendo muitos casos de mães e pais presos por tráfico);desejo de se destacar diante dos demais, de demarcar território, exercer poder e se sentir aceito pelo grupo.

Na fala dos familiares, o vício é atribuído às amizades ou a própria influência de parentes envolvidos de alguma maneira com o tráfico. Macià Antón (2000, p. 82-83) aponta que a família é muito importante em relação a iniciação ou não do jovem no consumo de drogas. A relação estabelecida entre os responsáveis, a comunicação e os hábitos familiares, podem ser decisivos, sendo os adultos as referências e exemplos que mais influenciam a personalidade e comportamento dos jovens e crianças. Nesse sentido, Macià Antón afirma que,

Os pais devem dar o exemplo de seus próprios hábitos de consumo de certas substâncias, mantendo-se coerentes com suas palavras e *oferecendo uma educação que revele valores opostos aos que o mundo da droga proporciona ao jovem*, mostrando esforço pessoal, interesse pelo trabalho e pela cultura, senso de responsabilidade, de solidariedade, etc. (MACIÀ ANTÓN, 2000, p. 82[grifo do autor]).

A dependência afeta também a família, sendo justamente esta que convive com a duplicidade de sentimentos, a conturbada vivência entre momentos sóbrios e de violência, as promessas de recuperação, o medo de perder seu ente querido para a criminalidade, a degradação a que está submetido o indivíduo, o afastamento, a perda de identidade, e o medo de que ele atente contra a vida de alguém, etc.

O uso de drogas está associado ao prazer imediato, que repetidamente gerado com o consumo causa no indivíduo a necessidade cada vez maior de usar mais e mais drogas, aumentando a dose e a frequência, diminuindo o controle que o usuário possuía sobre suas próprias vontades. Havendo assim, uma necessidade psicológica de procura pela droga e uma necessidade biológica do organismo que passa a sofrer com a abstinência da mesma quando não a possui.

Qualquer que seja a terminologia usada- droga, fármaco, psicotrópico, substância entorpecente- o seu significado e suas complicações são sempre os mesmos. As substâncias, as pessoas, as circunstâncias variam de um lugar para outro, de uma cultura para outra, porém as repercussões de seu uso e/ou abuso são sempre as mesmas. (NUNES; VARGAS; VARGAS, 1993, p.21).

São diversos os temores que envolvem um dependente químico, em meio a todas as dificuldades a falta de apoio das Instituições Públicas em auxiliar as

famílias, sendo escassa a oferta ou a disponibilidade de atendimento psicológico aos familiares, além, de casos que envolvem internação em clínicas de tratamento nas quais a demanda é insuficiente diante da necessidade e acessibilidade formando assim, uma longa fila de espera. Em relação às clínicas particulares o custo fica distante da realidade da maioria.

A educação neste sentido assume um papel importante, objetivando a conscientização dos indivíduos em relação ao consumo, aos riscos sociais, e aos danos de curto e longo prazo oriundos do constante uso. Novamente mencionando Macià Antón (2000, p. 16-17), a prevenção ao uso dessas substâncias precisa da participação efetiva dos pais e professores, visto que, é necessário identificar os comportamentos de risco, como “baixo rendimento escolar, conduta anti-social, retraimento, ansiedade, rebeldia, agressividade, etc”, pois, afirma o autor que além desses comportamentos estarem relacionados ao consumo antecipado das drogas, também servem de base para outras condutas problemáticas, que devem ser trabalhadas em conjunto com a família.

Por melhor que possa ser o tratamento ofertado, a força de vontade do usuário em libertar-se do vício e o apoio psicossocial oferecido ao dependente e aos seus, o valor educacional no combate as drogas segue aumentando sua importância, pois a forma mais segura de combater o uso indiscriminado de drogas permanece sendo a educação, por meio da prevenção. Entretanto, esta deve considerar metodologias, garantir a conscientização dos indivíduos, considerando a realidade do sujeito, o meio no qual este está inserido, as leis, os hábitos, entre outros. Pois, assim podemos assegurar que os indivíduos que recebem estas informações possam identificar em sua realidade os malefícios causados pela dependência química. Albertani (2013), afirma que “a missão da educação, ao invés de negar a realidade, é procurar compreendê-la e formar pessoas que saibam conviver com ela de forma crítica, fazendo escolhas conscientes e autônomas.”(2013, p. 11).

Não podemos pensar na prevenção das drogas se não pudermos fazer com que as pessoas as quais se quer atingir sintam-se identificadas ou pertencentes como parte da questão. Nunes *et al*, (1993, p.67) afirmam que “por conseguinte, a prevenção há de enquadrar-se prioritariamente na organização socioeconômica e política dos países, como unidade autônoma de um trabalho altamente

especializado”.

Neste aspecto os programas educativos não aparecem como solução única para esta questão, mas estes têm como dever, orientar e esclarecer os sujeitos, para que conhecedores do tema saibam a importância de suas escolhas e passem a desconstruir uma ideia que persiste desde as primeiras leis no Brasil sobre o uso de drogas, que contribui para a construção da imagem do usuário como criminoso. Nunes, *et al*, (1993) escreve que,

A esperança de se erradicar ou de suprir totalmente as drogas pode ser utópica e irrealizável, principalmente sob as condições prevalentes atuais. Por isso, é importante, e talvez imprescindível, a ação consciente de nossa realidade sociocultural para o delineamento de objetivos ou metas prioritárias, que visem diminuir os riscos e consequências de um posicionamento inadequado, fortuito e visionário. (NUNES *et al*, 1993, p.53).

Quando dizemos que devemos informar e orientar as pessoas a cerca da problemática das drogas, temos que levar em conta que, os mais variados pontos de vista devem ser considerados. Os malefícios e o combate às drogas devem pautar estas discussões que devem conter também questões como as pesquisas com o uso destas substâncias para tratamento de doenças; a utilização das mesmas ao longo da história, e as variações na reação de cada sujeito com a utilização de substâncias químicas, considerando os fatores físicos, psicológicos e sociais. Transpondo para dentro de espaços educativos estas discussões, contemplando as políticas públicas existentes acerca do tema, modelos oriundos de outros países no qual o trabalho de combate às drogas vem dando certo, suas fragilidades e os seus desafios, articulando com as condições político, econômica e social do nosso país, podemos contribuir para mudança positiva no cenário atual.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As drogas fazem parte do contexto socioambiental e a produção, a distribuição, a comercialização e o consumo geram múltiplos problemas. Deste modo faz-se necessário a interação entre família, escola, sociedade e políticas públicas na prevenção e combate ao uso indiscriminado de drogas, sejam elas legais ou ilegais.

Dialogar sobre drogas é fundamental não somente como conscientização dos

indivíduos, mas também, como problematização do tema, considerando um dos temas mais atuais da sociedade, que trava nos últimos anos um debate sobre a legalização e descriminalização das drogas. Sendo assim, informar e discutir este tema são formas existentes para envolver ativamente os cidadãos nas questões sociais, econômicas e políticas de seu país. Além disso, amplia a possibilidade de prepará-los para posicionarem-se conscientemente sobre a questão que engloba todas as esferas sociais: o uso indiscriminado de drogas.

Partindo da problematização, do contexto social no qual a escola está inserida, teremos como ferramenta de discussão a realidade que os alunos conhecem, o que vivenciam, tornando a discussão a cerca das drogas mais rica e certamente carregada de significações para os discentes, oportunizando a todos ampliar seus conhecimentos e suas experiências, fortalecendo a conscientização e prevenção ao uso abusivo das substâncias que causam dependência.

REFERÊNCIAS

ALBERTANI, Helena Maria Becker. O Professor e a Prevenção do Uso de Drogas: Em Busca de Caminhos. *in*: **Prevenção ao Uso de Drogas: A Escola na Rede de Cuidados**. Salto para o Futuro. Ano XXIII. 2013. Disponível em: <http://abramd.org/wpcontent/uploads/2014/05/2013_SALTO_PARA_O_FUTURO_Prevencao_ao_uso_de_Drogas.pdf> Acesso em: 28 mar. 2016.

BORGES, Beatriz. **Brasil, a principal rota do tráfico de cocaína na América Latina**. El País Brasil. São Paulo. 2014. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2014/09/21/politica/1411333264_428018.html> Acesso em: 22 mar. 2016.

COLLET, Clarice. **Dependência Química e Relações Sociais no Centro de Detenção Provisória de São José dos Pinhais-Pr**. Disponível em: <espen.pr.gov.br/arquivos/File/Dependencia_quimica_e_relacoes_sociais_no_CDPSJP.pdf> Acesso em: 21 mar. 2016.

DIAS, Genebaldo Freire. **Atividades Interdisciplinares de educação Ambiental: Manual do Professor**. São Paulo: Global. 1994.

FACINA, Adriana. **"Não me Bate Doutor": Funk e a Criminalização da Pobreza**. VENECULT: Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Salvador: UFBA. 2009. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19190.pdf>> Acesso em: 28 mar. 2016.

MACIÀ ANTÓN, Diego. **Drogas: Conhecer e Educar para Prevenir**. São Paulo: Scipione. 2000.

NUNES; Sandra V; VARGAS, Heber O; VARGAS, Heber S. **Prevenção Geral das Drogas**. São Paulo: Ícone, 1993.

PIMENTA, Mirella Camarota. **A Psicologia em interface com o Direito**. in: Revista do Ministério Público do Estado de Goiás. Goiânia. v. 21. n. 24. jul/dez. 2012.

Disponível em:

<http://www.mpggo.mp.br/portal/arquivos/2015/03/18/14_51_08_231_revista24Impressa_completa.pdf> Acesso em: 19 mar. 2016.

SILVEIRA, D. X.; SILVEIRA, E. D. X. **Um guia para a família**. Brasília: Presidência da República, Secretaria Nacional Antidrogas, 1999. Disponível em:

<<https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/0240.pdf>> Acesso em: 23 mar. 2016.

UNODC. United Nations Office on Drug and Crime. **Tráfico de drogas e crime organizado também causam impacto ao meio ambiente**. Disponível em:

<<https://www.unodc.org/lpobrazil/pt/frontpage/2009/06/05-traffic-de-drogas-e-crime-organizado-tambem-causam-impacto-aomeioambiente.html>> Acesso em: 18 mar. 2016.